



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7884 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

EDUCADOR-EDUCANDO: FORMAÇÃO DE DOCENTES POR JORNALISTAS PARA EDUCAÇÃO MIDIÁTICA EM PORTUGAL

Christiane Pitanga - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

**EDUCADOR-EDUCANDO: Formação de docentes POR JORNALISTAS para educação midiática em portugal**

**Introdução**

Este artigo apresenta a pesquisa sobre o projeto piloto de formação em Educação Midiática, ocorrido em 2019, em que jornalistas se encarregaram da formação de professores do ensino fundamental para poderem trabalhar o tema em suas aulas. O objetivo da investigação foi verificar, sob a perspectiva dos jornalistas, a contribuição desse projeto para o jornalismo e, notadamente, para a formação e prática dos próprios jornalistas que participaram do projeto. Parte-se do pressuposto de que a formação se faz em um *continuum* e que as experiências vividas são importantes ao processo formativo, por isso, levantou-se a hipótese de que, se a relação estabelecida entre jornalistas e professores foi pautada pela dialogicidade, é possível que as trocas entre eles tenham levado os jornalistas a refletirem sobre suas práticas, a fim de modificá-las/melhorá-las, num processo em que o educador educa e enquanto educa, é educado, segundo o pensamento de Paulo Freire, marco teórico da pesquisa. Assim, os objetivos específicos da pesquisa foram: apurar e analisar os pontos negativos e positivos do projeto a partir da perspectiva dos jornalistas; verificar se houve trocas (e como ocorreram) entre professores e jornalistas, ou seja, se houve momento para os professores se expressarem a respeito dos jornalistas e do jornalismo; apurar, caso tenha ocorrido as trocas, qual a percepção dos professores sobre os mídia e o jornalismo; verificar em que medida a relação com os professores provocou reflexão dos jornalistas sobre sua prática e sobre o exercício do jornalismo em Portugal. Para cumprir tais objetivos, adotou-se dois procedimentos metodológicos: 1) coleta e análise de documentos produzidos durante o planejamento e execução do projeto; 2) entrevista em profundidade com os jornalistas que participaram do projeto piloto. A entrevista em profundidade foi escolhida por ser uma “técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (DUARTE; BARROS, 2012, p.62).

No diálogo com os professores, os jornalistas demonstraram abertura às críticas, mas assumiram uma postura reativa para justificar as falhas apontadas pelos professores. Ainda é cedo para apurar resultados concretos, mas pode-se perceber que o projeto piloto foi o primeiro passo num longo caminho a ser percorrido para formar e ser formado.

### **Projeto piloto de formação em Educação Midiática**

Comunicação e educação são áreas que possuem um entrelaçamento intrínseco em suas atividades, um diálogo profícuo fomentado por movimentos educativos, culturais, políticos, sociais e tecnológicos do qual surgem projetos e práticas interdisciplinares que recebem designações diversas, o que demonstra a pluralidade de ações e facetas dessa relação. Uma delas é a educação midiática, foco desta pesquisa, um movimento que surgiu a partir da preocupação da influência que os meios de comunicação, inicialmente o cinema e, posteriormente, a televisão, poderiam exercer na sociedade por meio da produção e veiculação de conteúdos (filmes, livros, programas de tv). A produção desses conteúdos, considerados mercadorias a serem consumidas pelas audiências, representava uma estratégia de controle social pelas forças dominantes que detêm o poder sobre os meios de comunicação, usados para impor ou manter uma hegemonia cultural de acordo com interesses políticos e comerciais, segundo teóricos da Escola de Frankfurt.

Para neutralizar os efeitos (considerados nocivos) dos meios de comunicação e, de certa forma, proteger a sociedade dos interesses incutidos nas estratégias midiáticas, tornou-se imperioso formar uma consciência crítica em relação à mídia por meio de ações educativas que propiciassem o aprendizado da linguagem midiática para análise, questionamento e compreensão do viés ideológico e dos interesses que estão por trás das mensagens. Dessa forma, a educação midiática surgiu como proposta para promover a leitura crítica da mídia e desenvolver a capacidade de expressão consciente e responsável dos indivíduos nos meios de comunicação.

Em Portugal, a educação midiática foi inserida entre as linhas orientadoras da educação para a cidadania, recomendadas pelo Ministério da Educação (MEC/DGE, 2013), e ganhou relevância entre os jornalistas pela expectativa em disponibilizar saberes ao público para o consumo consciente e informado das notícias, mas, principalmente, como estratégia para destacar, valorizar e distinguir o trabalho do jornalista em meio às mudanças ocorridas no ambiente midiático devido às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) e, em especial, à proliferação das *fake news*.

Ao vislumbrar as potencialidades da educação midiática para o resgate da credibilidade do jornalismo, o Sindicato dos Jornalistas (SJ) propôs uma parceria com o Ministério da Educação para a formação de professores sobre o tema, em que jornalistas atuaram como formadores dos professores. Dessa forma, foi realizado um projeto piloto em cinco regiões de Portugal, tendo como sede as cidades Águeda (região central), Évora (região do Alentejo), Faro (região do Algarve), Lisboa (região do Tejo) e Porto (região norte). Para cada cidade foi destacada uma dupla de jornalistas (um acadêmico, com experiência docente, e outro com atuação ou experiência de mercado), o que resultou ao todo em dez participantes. Destes, quatro se prontificaram a participar das entrevistas, que ocorreram em junho de 2019. Para preservar a identidade dos participantes, os mesmos serão identificados por J-A, J-B, J-C e J-D. Todos os quatro moram em Lisboa, mas participaram dos projetos em Évora, Faro e Lisboa. São formados em jornalismo há 20, 25 e 30 anos, e, com exceção de um, que dedica boa parte da carreira à educação, os demais têm longa experiência profissional em diversos veículos (impresso, rádio e tv), mas atuam também como formadores e professores universitários.

O projeto piloto foi planejado da seguinte forma: carga horária total de 20h, divididas em 5 sessões de 4h, no período de 3 meses. As sessões são divididas entre aulas teóricas (8h) e atividades práticas (12h). Os temas desenvolvidos em cada região foram indicados pelos professores para que a formação pudesse dialogar com as preocupações deles e atender às necessidades específicas de cada escola.

Na opinião dos jornalistas, em linhas gerais, o resultado do projeto piloto foi positivo, pois conseguiram cumprir o programa e tiveram um retorno satisfatório dos professores, que se mostraram interessados e muito participativos. A carga-horária do curso foi considerada curta pelos formadores e pelos professores face a um assunto tão complexo e com várias possibilidades e demandas por atividades práticas. No entanto, todos reconhecem que não há como aumentar a carga-horária devido à sobrecarga de trabalho e a consequente falta de tempo dos jornalistas e dos professores para maior dedicação.

A perspectiva dialógica do projeto piloto foi o ponto de maior interesse dessa pesquisa, pois acredita-se que o processo de formação dos professores também possa ser uma possibilidade de formação para os jornalistas. Conforme Paulo Freire (2016a, p. 120), “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa”. Assim, de acordo com os participantes da pesquisa, o diálogo com os professores já estava planejado como uma das primeiras ações e foi fundamental para a realização do projeto. A aproximação com os professores e a importância de uma relação dialógica foi ressaltado por J-B (2019): “Mas, o objetivo era mais do que isso, era de fato envolver. Porque nós não queríamos chegar lá e dar e dar... O que nós queremos é uma coisa que se autoalimenta, portanto, nós queremos dar e receber, que eles sintam também que receberam, mas que também deram”.

Outro motivo para o diálogo era justamente ouvir os professores sobre a percepção deles em relação ao jornalismo. E esses foram bastante críticos. As principais críticas foram os assuntos pautados (que não lhes dizem respeito, não retratam a realidade deles ou sequer têm alguma relevância social), o excesso de fontes oficiais e o sensacionalismo.

Embora reconheçam as falhas apontadas pelos professores, a postura dos jornalistas, a princípio, foi reativa, ou seja, por um lado houve a tentativa de justificar os erros e, por outro, minimizar as críticas devido à falta de conhecimento dos professores sobre os procedimentos, técnicas e regras do jornalismo. O que se percebeu nas falas de alguns jornalistas é que as críticas dos professores só terão consistência e algum efeito prático quando forem fundamentadas tecnicamente, ou seja, quando os professores tiverem conhecimento sobre as técnicas da produção jornalística e compreenderem os interesses das empresas de comunicação que são determinantes para a qualidade do trabalho dos jornalistas. Um dos objetivos da educação midiática é justamente dar condições para que as audiências não só critiquem, mas que possam avaliar e intervir na produção de notícias para melhorar a qualidade da informação e valorizar o trabalho do jornalista.

No entanto, além da qualificação das audiências, é possível constatar que o projeto é uma oportunidade para aproximar os jornalistas dos seus públicos, como constatou J-B:

[...] nos obriga a parar um bocadinho, a sair da redação, a sair da bolha jornalística, e ouvir o que as outras pessoas estão a espera, o que as outras pessoas querem, que dúvidas existem, o que pensam do jornalismo, o que pensam dos jornalistas, o quê que os mais novos esperam ou querem ou desejam. (J-B, 2019).

Em geral, para os participantes desta pesquisa, o diálogo com os professores foi muito construtivo e animador, e o curso de formação é o início de uma parceria em que todos ganham com a educação midiática: jornalistas, jornalismo, professores, estudantes, audiências como um todo. Porém, é cedo para avaliar se a participação no projeto piloto foi suficiente para os jornalistas refletirem sobre suas práticas ou se isso foi o bastante para a tomada de consciência sobre as mudanças necessárias ao exercício do jornalismo em busca de uma prática profissional mais alinhada às demandas sociais.

## **Conclusões**

A decisão em participar de projetos de educação midiática, como a parceria firmada entre o Sindicato dos Jornalistas (SJ) e o Ministério da Educação para formação de professores, coloca os jornalistas como protagonistas nesse importante movimento dialógico entre comunicação e educação para a produção e consumo responsável da informação, para propiciar às audiências a compreensão da prática jornalística a fim de intervirem de forma qualificada, e para salvaguardar os profissionais e a profissão.

Mas, os desafios são muitos: é preciso conscientizar o Ministério da Educação a respeito da necessidade e da urgência de investimento em estrutura e recursos tecnológicos nas escolas para a formação dos professores e execução dos projetos junto aos estudantes; sensibilizar os professores para a importância da educação midiática e mobilizá-los para participarem da formação ministrada pelos jornalistas; conseguir a adesão de mais jornalistas para o projeto de formação; envolver editores e gestores dos meios de comunicação para que eles também assumam a responsabilidade pela educação midiática. Enfim, é o início de um longo processo, mas o primeiro passo está dado.

**Palavras-Chave:** Educação midiática. Educação dialógica. Jornalismo. Formação jornalística.

## **REFERÊNCIAS**

PORTUGAL. MEC/DGE. **Educação para cidadania**. Lisboa, 2013. Disponível em <http://dge.mec.pt/educacao-para-cidadania>. Acesso em 13 de jul. 2019.

DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. Atlas: São Paulo, 2012.

FREIRE, Paulo. (2016a). **Pedagogia do Oprimido**. 60ª ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2016.